

Resolução de Questões Específicas de Filosofia e Sociologia – Aula 2



Resolução de Questões Específicas de Filosofia e Sociologia – Aula 2

(UFPR) O texto a seguir é referência para as questões 1 e 2.

“... não é fácil determinar de que maneira, e com quem e por que motivos, e por quanto tempo devemos encolerizar-nos; às vezes nós mesmos louvamos as pessoas que cedem e as chamamos de amáveis, mas às vezes louvamos aquelas que se encolerizam e as chamamos de viris. Entretanto, as pessoas que se desviam um pouco da excelência não são censuradas, quer o façam no sentido do mais, quer o façam no sentido do menos; censuramos apenas as pessoas que se desviam consideravelmente, pois estas não passarão despercebidas. Mas não é fácil determinar racionalmente até onde e em que medida uma pessoa pode desviar-se antes de tornar-se censurável (de fato, nada que é percebido pelos sentidos é fácil de definir); tais coisas dependem de circunstâncias específicas, e a decisão depende da percepção. Isto é bastante para determinar que a situação intermediária deve ser louvada em todas as circunstâncias, mas que às vezes devemos inclinar-nos no sentido do excesso, e às vezes no sentido da falta, pois assim atingiremos mais facilmente o meio-termo e o que é certo.”

Aristóteles. Ética a Nicômaco. Livro II. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 150 (Col. Os Pensadores).

1. Uma vez que Aristóteles antes define as virtudes como disposições de caráter e, na passagem acima, acrescenta que as virtudes situam-se num “meio-termo”, de que modo devem ser definidos os vícios? Por quê?

2. Agir de modo virtuoso é, segundo Aristóteles, agir sempre do mesmo modo? Por quê?

3. (UFPR) Leia o texto a seguir:

“O paradigma que ele adquiriu graças a uma preparação prévia fornece-lhe as regras do jogo, descreve as peças com que se deve jogar e indica o objetivo que se pretende alcançar. A sua tarefa consiste em manipular as peças segundo as regras de maneira que seja alcançado o objetivo em vista. Se ele falha, como acontece com a maioria dos cientistas, pelo menos na primeira tentativa de atacar um problema, esse fracasso só revela a sua falta de habilidade. As regras fornecidas pelo paradigma não podem então ser postas em questão, uma vez que sem

essas regras não haveria quebra-cabeças para resolver. Não há, portanto, dúvidas de que os problemas (ou quebra-cabeças), pelos quais o praticante da ciência madura normalmente se interessa, pressupõem a adesão profunda a um paradigma. E é uma sorte que essa adesão não seja abandonada com facilidade. A experiência mostra que, em quase todos os casos, os esforços repetidos, quer do indivíduo, quer do grupo profissional, acabam finalmente por produzir, dentro do âmbito do paradigma, uma solução mesmo para os problemas mais **difíceis. Esta é uma das maneiras pela qual avança.**”

*KUHN, Thomas, “A Função do Dogma na Investigação Científica”, p. 45-46.
<http://hdl.handle.net/1884/29751>.*

Por que, para Kuhn, é uma sorte que a adesão a um paradigma não seja abandonada com facilidade?

(UFPR) O texto a seguir é referência para as questões 4 e 5.

“Há ortodoxias endurecidas tanto no Ocidente como no Oriente Médio e no Extremo Oriente; entre cristãos e judeus como entre muçulmanos. Quem quer evitar a guerra de culturas precisa ter em mente a dialética inconclusa do nosso próprio processo ocidental de secularização. A ‘guerra contra o terror’ não é uma guerra, e no terrorismo também se expressa um choque desastrosamente silencioso de dois mundos que precisariam desenvolver uma linguagem comum, para além da violência muda dos terroristas e dos mísseis. Em vista de uma globalização imposta por meio de mercados sem limites, muitos de nós têm a esperança de um retorno do político sob outra forma – não a forma hobbesiana original de um Estado de segurança globalizado, ou seja, com dimensões de polícia, serviço secreto e forças militares, mas de um poder mundial de configuração civilizadora. No momento não nos resta muito mais do que a pálida esperança em alguma astúcia da razão – e um pouco de autorreflexão. Pois aquela ruptura muda cinde também a nossa própria casa. Nós só conseguiremos aferir adequadamente os riscos de uma secularização que saiu dos trilhos em outros lugares, se tivermos claro o que significa a secularização em nossas sociedades pós-seculares”.

HABERMAS, Jürgen. Fé e saber. Editora São Paulo: Unesp, 2013, p. 4.

4. Com base nos próprios termos de Habermas, em que consiste o “retorno do político”?

5. Considerando o que o autor compreende por “sociedades pós-seculares”, explique por que, para compreender “os riscos de uma secularização que saiu dos trilhos”, é preciso ter “claro o que significa a secularização em nossas sociedades pós-seculares”.

6. Leia o texto a seguir:

“A liberdade religiosa tem como contrapartida, de fato, uma pacificação do pluralismo das visões de mundo cujos custos se mostraram desiguais. Até aqui, o Estado liberal só exige dos que são crentes entre seus cidadãos que dividam a sua identidade, por assim dizer, em seus aspectos públicos e privados. São eles que têm de traduzir as suas convicções religiosas para uma linguagem secular antes de tentar, com seus argumentos, obter o consentimento das majorias. É assim que, quando querem reclamar o estatuto de portador de direitos fundamentais para os óvulos fecundados fora do corpo materno, os católicos e protestantes procuram hoje (talvez prematuramente) traduzir a imagem e semelhança a Deus da criatura humana para a linguagem secular do direito constitucional. Mas a procura por argumentos voltados à aceitação universal só não levará a religião a ser injustamente excluída da esfera pública, e a sociedade secular só será privada de importantes recursos para a criação de sentido, caso o lado secular se mantenha sensível para a força de articulação das linguagens religiosas. Os limites entre os argumentos seculares e religiosos são inevitavelmente fluidos. Logo, o estabelecimento da fronteira controversa deve ser compreendido como uma tarefa cooperativa em que se exija dos dois lados aceitar também a perspectiva do outro. (...) O senso comum democraticamente esclarecido não é algo singular, mas algo que descreve a **constituição mental de uma esfera pública com muitas vozes”.**

HABERMAS, Jürgen. Fé e saber. Editora São Paulo: Unesp, 2013, p. 15-16.

Uma vez que “os limites entre os argumentos seculares e religiosos são inevitavelmente fluidos”, qual é, segundo Habermas, a exigência básica para que ocorra um trabalho cooperativo entre as tradições religiosas e a tradição secular do Estado liberal? Por quê?

(UFPR) O texto a seguir é referência para as questões 7 e 8.

No dia 09/09/2014, o jornal Gazeta do Povo publicou um editorial sob o título “O papel da religião no debate público”, de onde extraímos o trecho abaixo e as seguintes manifestações dos seus leitores (com algumas adaptações):

Editorial: “Assim, a fé e as convicções inspiradas por ela não são aspectos que obrigatoriamente devam ficar restritos à intimidade de cada um; ao contrário, têm lugar no debate público quando fazem suas reivindicações usando argumentos racionais – não basta ir à rua, ou ao Congresso, ou ao Supremo Tribunal Federal, e se declarar contra ou a favor de algo ‘porque a Bíblia disse’. É justamente nisso que se funda a laicidade: que as políticas de

Estado sejam baseadas em princípios racionais – independentemente de quem os defenda, o que não exclui os grupos religiosos –, **e não nos dogmas desta ou daquela fé.**”

Leitor 1: **“Concordo com o Editorial e discordo dos que emitem opiniões sem fundamentação. Desafio-os a apresentar a base científica para afirmar que as opiniões da religião não estão baseadas na razão, mas em dogmas.”**

Leitor 2: **“Eu discordo totalmente da ideia apresentada no editorial e o motivo é muito simples. Vejam os senhores que argumentos científicos estão subordinados à lógica e à razão, enquanto as religiões baseiam-se em dogmas.”**

Leitor 3: **“Religião se baseia em um ser indeterminado e dogmas, portanto não há base racional alguma.”**

Partindo dos pontos de vista defendidos pelos dois autores abaixo elencados, construa argumentos com os quais cada um deles poderia expressar sua concordância ou sua discordância com qualquer um dos pontos de vista acima defendidos, seja pelo editorial seja por qualquer um dos seus leitores.

7. Thomas Kuhn:

8. Jürgen Habermas:

9. (UEL 2014) A análise do tema modernidade, por pensadores clássicos da Sociologia, está presente também em autores contemporâneos, atentos às condições da sociedade atual. No século XIX, Karl Marx, em seu livro O Manifesto Comunista, de 1848, refere-se à sociedade burguesa de seu tempo como formação social em que tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado, e as pessoas **são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.**

(MARX, K.; ENGELS, F. O Manifesto Comunista. In: COUTINHO, C. N. et al. O Manifesto Comunista: 150 anos depois. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. p.11.)

Zigmunt Baumann, em **Confiança e medo na cidade**, afirma que se, entre as condições da modernidade sólida, a desventura mais temida era a incapacidade de se conformar, agora – **depois da reviravolta da modernidade “líquida”** – o espectro mais assustador é o da **inadequação. Temor bem justificado quando consideramos a enorme desproporção entre a quantidade e a qualidade de recursos exigidos por uma produção efetiva de segurança do tipo “faça você mesmo”.**

(Adaptado de: BAUMANN, Z. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p.21-22.)

Com base nesses trechos e nos conhecimentos sobre modernidade, apresente

- a) uma característica particular para Marx e uma para Baumann;
- b) duas características comuns para ambos os autores.

10. (UEL 2014) Émile Durkheim considera o fato social o objeto de estudo da Sociologia e propõe regras para explicá-lo. Duas dessas regras são formuladas da seguinte maneira:
(I) A causa determinante de um fato social deve ser buscada entre os fatos sociais anteriores, e não entre os estados de consciência individual.
(II) A função de um fato social deve ser sempre buscada na relação que mantém com algum fim social.

(DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1968. p.102.)

Com base nas regras (I) e (II) e nos conhecimentos sobre o fato social, explique como se dá a **relação entre indivíduo e sociedade para Durkheim. Exemplifique essa relação.**

Gabarito

1. Os vícios são aquelas ações comportamentais que não se adequam ao meio termo, isto é, a justa medida. São aquelas ações que, sendo realizadas repetidas vezes, vão se afastando do meio termo. São atitudes que se afastam da virtude e do bem para o qual todas as coisas tendem. Importante ressaltar que, nem todo comportamento que se afaste justa medida possa ser considerado um vício, pois, nem sempre é simples identificar ou determinar racionalmente este equilíbrio ou esta justa medida.
2. Agir de modo virtuoso significa colocar a razão como a grande condutora e reguladora das ações do homem e é, por meio dela e pelo seu uso equilibrado, que o sujeito conduz seu agir em direção à justa medida. Independente da mutabilidade que as diversas circunstâncias de uma ação possam sofrer, o princípio de análise de uma boa ação não sofre alteração. Entende-se que, uma boa ação é aquela em que a razão determina meio-termo, o equilíbrio, ou seja, a justa medida.
3. A adesão a um paradigma dá condições ao corpo científico, o que gera neste grupo de cientistas uma busca incansável por uma solução diante dos problemas de uma pesquisa, isto é, de um quebra-cabeças. Mesmo que esta empreitada se apresente como muito complexa e difícil, a pertinácia oriunda de uma prática científica auxilia e dá forças ao processo, confirmando o paradigma. Os cientistas, assim, poderão aplicar esta mesma **“prática” as mais diversas pesquisas, mesmo as mais complexas e emblemáticas.**
4. Segundo Habermas, o processo de secularização do mundo ocidental liberal deve ser **fortemente avaliado e refletido a partir de um “poder mundial de configuração civilizadora”.** Isto representa que, **partindo de uma autorreflexão a partir da secularização, possa esta análise ganhar “corpo e força” para se entender o grau de importância que o processo de secularização tem na sociedade ocidental,** isto é, somente assim, conseguiremos analisar de forma mais clara e intensa o que o autor **chama de “riscos de uma secularização que saiu dos trilhos”, como pode ser notado no mundo islâmico oriental.**
5. Habermas compreende que no mundo pós-secular encontra-se a esperança no retorno **de uma concepção “política sob outra forma”.** No pós-secular o solo é fértil para uma análise e compreensão do que foi a secularização do ocidente. Sendo assim, os aspectos positivos e negativos da secularização podem ser verificados a partir desta perspectiva,

isso se dá porque é neste mundo pós-secular que o discurso religioso e científico irão produzir em conjunto e de forma cooperativa uma nova visão de civilização.

6. O estado liberal apresenta indivíduos que permeiam o público e o privado com sua identidade, o que permite aos crédulos, trazer em seus argumentos aspectos de uma linguagem secular. Contudo, o respeito mútuo entre o discurso religioso e o secular deve prevalecer, pois, este respeito permite criar uma pluralidade de visões de mundo. Diante desta pluralidade, pode-se pensar um senso comum esclarecido.
7. Certamente Kuhn diria que, apesar de dogmáticas, as concepções desses dogmas entre os cientistas e os religiosos são de natureza diferente. O religioso se apega a aspectos transcendentais e metafísicos como fundamentos dos seus dogmas. Já o cientista fundamenta esta perspectiva dogmática na primazia da razão e da observação dos aspectos e fenômenos naturais. Além disso, a descrença em uma teoria científica não implica necessariamente na quebra de uma crença religiosa de um cientista.
8. Jürgen Habermas concordaria com a perspectiva apresentada pelo Editorial do Jornal Gazeta do Povo. Diante de um Estado leigo, o discurso religioso deve permear a sociedade com um caráter secular, racional. Fundamentar apenas na fé, não permitiria um consenso entre a maioria, pois, a fé tem um aspecto muito peculiar em cada indivíduo. Além disso, pensar uma sociedade secular partindo de critérios religiosos seria uma contradição de princípios e fundamentos.
9. a) Para Marx: volatilidades/fugacidades; ou profanações do sagrado; ou novas relações sociais marcadas por reciprocidades; ou transformações constantes/aceleradas dos instrumentos de produção; ou inexorabilidade da condição de classe. Para Baumann: **fluidez; ou insegurança; ou incerteza; ou falta de garantia; ou problemas relacionados ao** processo de individualização.
b) Ambos os autores avaliam, em suas épocas, a modernidade como processo **transformador das relações sociais de outrora, definem** a modernidade a partir do capitalismo, mostram que, no lugar de sociedades mais duradouras, com a modernidade surgem relações sociais menos estáveis.
10. Para Durkheim, há predominância da sociedade sobre o indivíduo, e o fato social não é apenas a soma dos comportamentos individuais, pois ele é dotado de natureza própria. O indivíduo, ao agir, pensar e sentir, segundo o autor, expressa fatos sociais anteriores e **suas condutas estão relacionadas também a fins e a fatos sociais posteriores. Assim, agir em sociedade, mesmo em benefício próprio, significa adotar comportamentos coletivos**

e não meramente individuais. As maneiras de ser, pensar e sentir, expressando-se através da moral, da religião, da educação, da produção e do consumo, da política, dos costumes, **dos gostos, da moda etc., são socialmente determinadas e configuram os** exemplos dessa relação.